

Reflexividade em Línguas da Família Pano

Gláucia Vieira Cândido¹, Lincoln Almir Amarante Ribeiro²

¹Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e Grupo de Investigação Científica de Línguas Indígenas (GICLI-UEG)

Av. JK, 146, Bairro Jundiá – 75.110-390 – Anápolis – GO – Brasil

² Instituto de Ciências Exatas – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Grupo de Investigação Científica de Línguas Indígenas da Universidade Estadual de Goiás (GICLI-UEG)

glaucia.vieira@ueg.br, almir.bh@terra.com.br

***Abstract.** In a comparative historical study of reflexivity in Pano Languages, (Loos, 1985) had compared the surface structure of reflexive clauses. Unfortunately he used only Pano Languages of Peru. Recently, with the publication of new researches of Brazilian Pano Languages, specially, Shanenawa (Cândido, 2004) and Matis (Ferreira, 2005), it opened new directions in these studies. In this work we propose to discuss the reflexivity in Native Languages of Pano Family, from some newness presented in more recent descriptions of these languages.*

***Keywords.** Anthropological Linguistics; Pano Languages; grammar; reflexivity.*

***Resumo.** Em um estudo histórico comparativo sobre reflexividade nas línguas dessa família, Loos (1985) comparou a estrutura superficial de orações reflexivas. Infelizmente, porém, o trabalho apenas contemplou línguas Pano faladas no Peru. Recentemente, contudo, com a publicação de novos trabalhos sobre línguas Pano brasileiras, especialmente, o Shanenawa (Cândido, 2004) e o Matis (Ferreira, 2005), novos horizontes se abriram nessa direção. Assim, este trabalho se propõe a discutir a reflexividade em línguas indígenas da família Pano, a partir de algumas novidades apresentadas em descrições mais recentes de línguas Pano.*

***Palavras-chave.** Lingüística Antropológica; Línguas Pano; gramática; reflexividade.*

1. Introdução

Com aproximadamente três dezenas de línguas sendo faladas por cerca de 30 mil pessoas, a família Pano ocupa, juntamente com outras etnias, uma região de mais ou menos um milhão de quilômetros quadrados da Floresta Amazônica, com a forma de um quadrilátero, o qual é limitado pelos paralelos 3° S e 14° S e pelos meridianos 72° W e 64° W. Esse “quadrilátero territorial” abarca terras do Peru, da Bolívia e do Brasil que, mais especificamente, de Norte ao Sul, vão do rio Amazonas ao alto Madeira e Beni e, do Oeste para o Leste, do Ucayali às Cabeceiras dos rios Javari, Juruá e Purus.

Das línguas que compõem a família Pano, de acordo com a literatura, há ainda 26 vivas, cuja distribuição nos três países é a seguinte: duas na Bolívia (Chácobo e Pakawara); 12 no Brasil (Arara, Katukina, Kaxarari, Korubo, Kulina, Marubo, Matis, Nawa, Nukini, Poyanáwa, Shanenawa e Yawanawa) e nove no Peru (Amawaka, Iskonawa, Kapanawa, Kashibo-Kakataibo, Mastanawa, Shipibo-Konibo, Sharanawa, Xitonawa, Yoranawa,). Outras duas, o Kaxinawa e o Matsés, são faladas tanto no Brasil como Peru e uma última, o Yaminawa, é falada concomitantemente nos três países que possuem povos Pano.

Uma característica singular dos povos Pano é o contraste entre sua homogeneidade lingüística, cultural e territorial e o fato de que, em geral, esses povos ignoram a existência de outras etnias de línguas da mesma família a não ser que sejam vizinhos muito próximos. Isso talvez explique também as diferenças na morfologia e na sintaxe encontradas nas línguas já descritas, dentre as quais aquelas referentes à reflexividade, aspecto enfocado neste artigo.

Sobre a reflexividade nas línguas Pano, Loos (1985) realizou importante estudo histórico comparativo acerca da estrutura superficial de orações reflexivas nessas línguas. Infelizmente, contudo, apenas línguas faladas no Peru foram mencionadas no referido estudo, certamente, devido à falta de descrições sobre as línguas faladas na Bolívia e, especialmente, no Brasil. Nos últimos anos, porém, as línguas Pano brasileiras têm recebido mais atenção por parte dos pesquisadores, o que torna possível a confecção de novos estudos comparativos sobre a reflexividade nessas línguas. Assim sendo, este artigo tem por objetivo apresentar uma breve amostra das novidades sobre a reflexividade nas línguas Pano, a partir das descrições mais recentes de algumas línguas, especialmente, o Shipibo-Konibo (Valenzuela, 2003), o Shanenawa (Cândido, 2004) e o Matis (Ferreira, 2005).

Dessa forma, o artigo apresentará inicialmente, algumas perspectivas teóricas acerca das construções reflexivas nas línguas do mundo; na seqüência, será apresentada a tipologia Pano no que diz respeito à reflexividade, com base nas descrições do Shipibo-Konibo, do Matis e do Shanenawa, respectivamente; concluindo o texto, apresentaremos as conclusões e as referências bibliográficas.

2. Construções reflexivas: perspectivas teóricas

De acordo com a literatura, denomina-se reflexiva a estrutura lingüística, cujos referentes de um agente (sujeito) e de um paciente (objeto) são idênticos, como no exemplo da língua inglesa, em (1), abaixo:

- (1) *John comb-ed him-self*
João pentear-PAS¹ PRO-REFL
'João se penteou.'

Assim, é a identidade entre o agente (*he*) e o paciente (*himself*) a condição primordial para que a estrutura em (1) seja considerada reflexiva. Para além da co-referência entre os argumentos verbais (sujeito e objeto), alguns autores, como Bechara (2000), consideram uma construção reflexiva como uma inversão ou negação da transitividade do verbo, haja vista que a ação expressa pela forma verbal não é passada a outro ser; antes, reverte-se ao próprio agente da ação. Esse é o sentido reflexivo propriamente dito. Nesses termos, entende-se que uma operação de reflexão reduziu a valência semântica da oração transitiva em (1) especificando que não há duas entidades

separadas envolvidas, mas, ao contrário, uma só entidade (*John*) preenche os dois papéis semânticos (o de agente e o de paciente do verbo *combed*).

Do ponto de vista formal, segundo Loos (1985), existem dois tipos de manifestações do reflexivo nas línguas do mundo: a) como uma forma restringida do sintagma nominal (doravante SN) que serve de complemento do verbo; b) como uma marca no verbo que o identifica como reflexivo com realização zero do complemento. O primeiro caso ocorre na língua portuguesa, em que a forma *-se* é a marca de reflexividade, conforme vemos nos dados seguintes:

(2) João *se* banha.

(3) A jovem feriu-*se* com a enxada.

Um exemplo de reflexividade morfológica com realização zero do complemento do verbo transitivo pode ser visto em Kamaiurá, língua da família Tupi-Guarani. Segundo Seki (2000), a reflexividade exprime-se por meio do prefixo *je-* exclusivo de verbos e posposições e de um prefixo especial *-o* ‘terceira pessoa reflexiva’, que ocorre com nominais, posposições e formas dependentes do verbo. Os dados, a seguir, ilustram a reflexividade morfológica marcada no verbo em Kamaiurá:

(4) ka’aher-a o-kytsi kye’i-a pupe
papel-CASO NUCL 3-cortar faca-CASO NUCL INSTR
‘Ele cortou o papel com a faca.’

(5) kunu’um-a o-*je*-kytsi kye’i-a pupe
menino-CASO NUCL 3-REFL-cortar faca-CASO NUCL INSTR
‘O menino cortou-se com a faca.’

Além das generalizações apontadas por Loos (1985), a literatura atesta que uma operação reflexiva também pode ser codificada lexicalmente ou analiticamente. A operação reflexiva lexical é aquela que está vinculada ao significado léxico de um verbo particular. Por exemplo, na língua inglesa, os verbos *shave*, *wash up* e *get dress* indicam por si mesmos, isto é, sem o auxílio de nenhuma marca morfológica, que seus objetos são co-referenciais com seus respectivos sujeitos, como no seguinte exemplo:

(6) John *shav-ed*, *wash-ed* and *got dress-ed*
João barbear-PAS lavar-PAS e vestir-PAS
‘João barbeou-se, lavou-se e vestiu-se.’

A construção em (6) diferencia-se daquelas em que, havendo algum objeto subentendido, este está explicitamente apresentado. É o caso do exemplo, a seguir:

(7) John wash-ed Mary
João lavar-PAS Maria
‘João lavou Maria.’

Na língua portuguesa, não encontramos construções em que a manifestação do reflexivo é lexical devido à ausência de verbos dessa natureza. Como já mostramos, nessa língua a reflexividade é marcada morfológicamente por meio de uma forma presa ao verbo, um afixo ou um clítico.

Finalmente, uma construção reflexiva do tipo analítico é aquela em que a operação de reflexividade é realizada via palavra lexical distinta do verbo. Do ponto de vista puramente sintático, tal operação de reflexividade não configura um decréscimo de

valência do verbo, haja vista que a posição do argumento objeto é preenchida na construção sintática, tal como podemos constatar nos seguintes exemplos do Português (8-9) e do Inglês (10):

- (8) João feriu a *si próprio*.
(9) Maria disse amar somente a *si mesma*.
(10) John burn-ed *him-self*
João queimar-PAS 3SG-mesmo
'João queimou-se.'

Ainda sobre a reflexividade analítica, de acordo com Schachter (1985), muitas línguas possuem formas nominais analisáveis como um núcleo nominal modificado por um pronome possessivo que concorda com o sujeito. Muitas vezes o núcleo também ocorre como um nome comum significando *cabeça* ou *corpo*. Um exemplo de construção reflexiva com a palavra *cabeça* é mostrado em (10), abaixo, com dados da língua Fula da África; em (11), tem-se um exemplo com a palavra *corpo*, o qual ocorre na língua Akan, falada em Gana:

- (11) mi gaani hoore-*qam*
1SG ferir 1POSS-corpo
'Eu me feri.'
(12) mi huu me *ho*
1SG ver 1POSS corpo
'Eu me vi.'

Existem ainda algumas línguas que, como o Malagasy falado pelos habitantes de Madagascar, usam um nome comum sem um modificar possessivo, conforme podemos constatar nos exemplo em (12), abaixo:

- (13) namono *tena* Rabe
matar corpo Rabe
'Rabe matou a si mesmo.'

2. A reflexividade nas línguas Pano

Uma característica marcante da gramática das línguas Pano é a transitividade de uma construção, já que é a responsável por determinar a forma das marcas de concordância entre o sujeito e o verbo. De fato, as línguas Pano costumam marcar o nome em função de sujeito de verbo transitivo (A) diferentemente dos nomes em função de sujeito de verbo intransitivo (S) e de objeto (O), o que as caracteriza como línguas ergativo-absolutivas.

Assim, em Shanenawa, por exemplo, enquanto o SN em função de S e O (caso absoluto) não recebem marca alguma, o SN no papel de A (caso ergativo) é marcado pela nasalidade (Cândido, 2004), conforme atestam os dados seguintes:

- (14) runu- ϕ na-a-ki
cobra-ABS morrer-PAS-DECL
'A cobra morreu.'
(15) runu-n takara- ϕ naka-a-ki

cobra-ERG galinha-ABS morder-PAS-DECL

‘A cobra mordeu a galinha.’

Em termos da reflexividade, essa característica das línguas Pano pode corroborar a hipótese de que nas construções reflexivas ocorre a redução da valência dos verbos transitivos, pois nesses casos a não realização de O ou sua co-referencialidade com A faz com que o verbo, transitivo na estrutura profunda, apresente-se como intransitivo na estrutura superficial e, conseqüentemente, A realize-se formalmente como S. Isso é atestado, por exemplo, pela língua Matis, em que a reflexividade é expressa pelo sufixo *-ad*, um morfema exclusivo do verbo (seja ele transitivo ou intransitivo) e também, no caso de verbo transitivo, pela diminuição de sua valência (de transitivo para intransitivo com a transformação do SN em função de A em S), conforme podemos ver nos dados retirados de Ferreira (2005), abaixo:

(16) ìnbi Dani-φ şodko-n ta-dîd-bo-k
1SG/ERG Dani-ABS machado-INSTR pé-cortar-PAS/N.REC-DECL
‘Eu cortei o pé da Dani com o machado.’

(17) ìbi ta-dîd-ad-bo-k
1SG/ABS pé-cortar-REFL-PAS/N.REC-DECL
‘Eu cortei o pé.’

De maneira semelhante, Valenzuela (2003) atesta que também na língua Shipibo-Conibo há diminuição de valência do verbo transitivo (que, na estrutura superficial, apresenta-se como intransitivo) e conseqüente transformação de A em S. Como podemos ver em (15), abaixo, o nome Tsoma é marcado pelo morfema ergativo *-n*; em contrapartida, em (16), o mesmo nome não leva marca, por se referir ao caso absoluto:

(18) Tsoma-*n*-ra ja chachi-ke.
Tsoma-ERG-EV 3/ABS cutucar-CMPL
‘Tsoma o cutucou (com uma faca).’

(19) Tsoma-ra chachí-ke.
Tsoma:ABS-EV cutucar-MID(acento compensatório da vogal /i/)-
CMPL
‘Tsoma cutucou a si mesmo.’

Em sua descrição do Shipibo-Konibo, Valenzuela (op. cit.) acrescenta que uma construção reflexiva nessa língua é caracterizada por uma *middle-marking*, ou seja, uma estratégia morfossintática pela qual o sujeito é interpretado como o principal lugar dos efeitos da ação, evento ou estado denotado por uma sentença (Klaiman, 1988:36 apud Valenzuela, 2003). O sufixo *middle* é o morfema *-t*, que se posiciona entre a raiz verbal e o sufixo final, e possui diferentes alomorfes com distribuição motivada historicamente: geralmente, raízes bissilábicas terminadas em sílabas abertas levam o alomorfe *-t*, como podemos ver no exemplo em (17), abaixo.

(20) meno-*t*-ai
queimar-MID(REFL)-INC
‘Queima-se.’

Com algumas raízes, o morfema middle *-t* desencadeia uma mudança na qualidade e/ou duração da última vogal da raiz, como ocorreu em (16), acima, em que *-t* foi deletado em um processo histórico que, contudo, resultou em um acento compensatório da última vogal da raiz, no caso, /i/.

Como o Matis e o Shipibo-Conibo, outras línguas da família Pano também marcam a reflexividade por meio de sufixos verbais. Algumas delas, como por exemplo, o Capanahua (Loos, 1985), o Amahuaca (Hyde, 1973) e o Kaxinawá (Montag, 1981), também apresentam morfemas que podem sofrer alterações morfofonológicas dependendo da forma do verbo. No Kaxinawá, as formas alomórficas do reflexivo se dão via processo de harmonia vocálica: usa-se *-ka* com raízes verbais que terminam em /a/; *-kɨ* com raízes que terminam em /ɨ/; *-ki*, em /i/ e *-ku*, em /u/.

Em relação a essas e outras línguas da família Pano, temos observado que o Shanenawa apresenta algum comportamento diferente, haja vista que suas construções reflexivas apresentam uma estrutura que pode ser interpretada como do tipo analítico, por serem formadas por um pronome que concorda com o sujeito, seja ele um SN pleno ou outro pronome, ao qual é sufixado o morfema *-fi*, exclusivo desse tipo de construção. Os pares de exemplos, a seguir, mostram as construções transitivas não-reflexivas e suas contrapartes reflexivas:

- (21) (a) nũ ʃipi ʃatɨ-a
 1PL banana cortar-PAS
 ‘Nós cortamos a banana.’
- (b) nũ nu-fi ʃatɨ-a
 1PL 1PL-REFL cortar-PAS
 ‘Nós nos cortamos.’
- (22) (a) anihu-n fakɨ kɨnɨ-a
 velho-ERG menino pintar-PAS
 ‘O velho pintou o menino.’
- (b) anihu a-fi kɨnɨ-a
 velho 3-REFL pintar-PAS
 ‘O velho pintou-se.’

Por outro lado, a língua Shanenawa mantém a tipologia Pano no que respeita à transformação das formas ergativas na estrutura profunda (*anahun*: ergativo) em formas absolutivas na estrutura de superfície (*anihu*: absolutivo). Além disso, a língua também exibe estruturas reflexivas que usam um SN composto por um núcleo e um pronome possessivo que concorda formalmente com o sujeito. O núcleo é representado pela palavra *kaja* cujo significado é ‘corpo’, como podemos constatar nos seguintes exemplos:

- (23) (a) Assis-hĩ Auriceliu fumana kɨnɨ-a
 Assis-DECL Auricélio rosto pintar-PAS
 ‘Assis pintou o rosto de Auricélio.’
- (b) Assis a-na-hĩ kaja fumana kɨnɨ-a
 Assis 3-POSS-DECL corpo rosto pintar-PAS

‘Assis pintou seu próprio rosto.’

- (c) m 1a-na-hĩ kaja mapu şatı-a
1SG 1SG-POSS-DECL corpo barriga cortar-PAS
‘Eu cortei minha própria barriga.’

3. Conclusão

Este artigo apresentou uma breve descrição das estruturas reflexivas em algumas línguas indígenas da família Pano, com ênfase sobre o Shipibo-Konibo, o Matis e o Shanenawa.

Enquanto as línguas Shipibo-Konibo e Matis ratificam a hipótese de que o reflexivo nas línguas Pano é basicamente marcado no verbo por um morfema especial e pela transformação da estrutura transitiva em intransitiva, os dados demonstraram que a língua Shanenawa acrescenta, em relação às outras línguas da família, duas novidades em termos de reflexividade: a estrutura analítica constituída pela realização do objeto em forma de um pronome co-referente do objeto marcado pelo morfema *-fi* e a realização do objeto via uso da palavra *corpo*.

Essas novidades nos direcionam para novos estudos sobre a reflexividade em outras línguas Pano, pois, como lexicalmente o Shanenawa é talvez o mais comportado dentre os componentes da família Pano, no sentido de ser o que mais cognatos detém com o Proto-Pano, impressiona-nos o fato de que sintaticamente apresente um comportamento divergente da maioria, especialmente, porque os falantes dessa língua mantêm contato permanente com representantes das etnias Kaxinawa, Yawanawa e Yaminawa.

Por outro lado, considerando o fato de o Shanenawa possuir maior número de cognatos com duas outras línguas brasileiras, o Arara e o Yawanawa, constituindo com estas, segundo Amarante Ribeiro (2005), um mesmo sub-grupo, seria interessante que estudos mais aprofundados sobre a reflexividade fossem realizados nessas línguas. Certamente, os resultados serão de grande valia para estudos tipológicos e históricos comparativos não apenas das línguas Pano como também de todas as demais línguas naturais.

¹ As abreviaturas usadas neste texto são as seguintes: A, sujeito de verbo transitivo; ABS, absolutivo; CASO NUCL, caso nuclear; CMPL, aspecto completo; DECL, declarativo; ERG, ergativo; EV, evidencial direto; INC, aspecto incompleto; INSTR, instrumental; MID, *middle*; N. REC, não-recente; O, objeto; PAS, passado; PL, plural; POSS, possessivo; PRO, pronome; REFL, reflexivo; S, sujeito de verbo intransitivo; SG, Singular; SN, sintagma nominal; 1, primeira pessoa; 3, terceira pessoa.

4. Referências bibliográficas

- AMARANTE RIBEIRO, L. A. *Uma proposta de classificação interna das línguas da família Pano*. Goiânia: Grupo de Investigação Científica de Línguas Indígenas da UEG, 2005. 26 f. Mimeografado.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.
- CÂNDIDO, G. V. *Morfossintaxe da língua Shanenawa Pano*. 2004. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

-
- FERREIRA, R. V. *Língua Matis (Pano); uma descrição gramatical*. 2005. 270 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- HYDE, S. Y. El verbo reflexivo del Amahuaca. In: LOOS, E. E. (ed.). *Estudios Panos II*. Serie Lingüística Peruana, n. 11. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 1973. p. 9-51.
- LOOS, E. La construcción del reflexivo em los idiomas Panos. In: LOOS, E. (ed.) *Estudios Panos II*, n. 11. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 1985. p. 163-261.
- MONTAG, S. *Diccionario Cashinahua*. Tomo II, Série Lingüística Peruana, n/ 9 Intituto lingüístico de Verano. Yarinacocha, Peru, 1981.
- SCHACHTER, P. Part-of-speech systems. In: SHOPEN, T. *Language typology and syntactic description*. Tome I. Clause Structure. London: Cambridge University Press, 1985. p. 3-61.
- SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá, língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Imprensa Oficial, 2000.
- VALENZUELA, P. M. *Transitivity in Shipibo-Konibo Grammar*. 2003. 703 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) – Department of Linguistics, University of Oregon, Oregon.